

ABAYOMI: TRANÇANDO PERSPECTIVAS

Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes¹
Thaís Gomes de Vasconcelos²
Alba Cleide Calado Wanderley³

RESUMO

Este trabalho é resultado das discussões realizadas no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) intitulado “Brincadeiras africanas: memória, oralidade e ancestralidade na afirmação das identidades afro-brasileiras” desenvolvido junto ao Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no ano de 2020. Tem por objetivo apresentar um breve mapeamento sobre as produções bibliográficas e registros visuais da plataforma de compartilhamento Youtube sobre Abayomi. Metodologicamente, trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, tipo exploratória. Portanto, percebeu-se que Abayomi é apresentada por várias perspectivas como histórias de acalento; ato de brincar com a boneca de pano negra e no movimento de mulheres organizado pela artesã/militante como Lena Martins.

Palavras-chave: Abayomi; Relações Étnico-raciais; YouTube.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das discussões no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) intitulado “Brincadeiras africanas: memória, oralidade e ancestralidade na afirmação das identidades afro-brasileiras” desenvolvido junto ao Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com o objetivo proporcionar brincadeiras africanas e afro-brasileiras, na visão afrocêntrica, como elemento de construção da identidade infantil no espaço da brinquedoteca do referido centro.

Todavia, com o isolamento social causado pelo vírus do COVID 19 a proposta do projeto foi readequada para as plataformas virtuais, tanto no que se refere às reuniões de planejamento como na preparação dos materiais e brincadeiras para as crianças. Nesse percurso, percebeu-se que o brincar não estava apenas no brinquedo, mas também em ações vivenciadas pelos sujeitos.

¹ Graduada em Serviço Social, estudante de Pedagogia e Mestranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; e-mail: cteofanes9@gmail.com

² Licenciada em História, Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; e-mail: thais.vasconcelos@hotmail.com

³ Doutora em Educação, Professora do Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; e-mail: alba.calado@academico.ufpb.br

No documentário “Terreiros do brincar”, dirigido por David Reeks e Renata Meirelles (2017), é possível observar várias manifestações culturais populares em quatro estados brasileiros, onde observa-se a participação da comunidade num brincar coletivo e sagrado. Dessa forma, podemos afirmar que as brincadeiras são parte das culturas e são engajadas de vários saberes e tradições perpassando diferentes fases da vida e assumindo significado de acordo com o contexto que os sujeitos estão inseridos.

Ao que concerne à prática do brincar podemos destacar que essa deveria alcançar o âmbito das políticas afirmativas e de empoderamento, como é o caso da Abayomi, cujos elementos envolvendo a história e a construção da Abayomi foi um dos focos escolhidos do projeto @afrobrincar⁴. A preparação foi desenvolvida em três momentos: leituras teóricas, contação de história e construção do “brinquedo”⁵, partindo da concepção de Nascimento (2019, p. 7) que “Fazer bonecas pretas como a Abayomi é um meio de interferir no imaginário racista através da ludicidade, dessa forma, ela nos aponta o quanto mulheres em movimento fortalecem outras mulheres”.

A partir dessa vivência e estudo encontramos várias versões de narrativas e significados para a palavra/termo Abayomi, que do Yorubá significa *abay* = encontro e *omi* = precioso. Entre as versões identificadas, destacamos que a boneca *Abayomi* - feita com retalhos/trapos como forma de acalantar as crianças durante a diáspora nos navios negreiros; a *Abayomi* guerreira que salvou seu povo da escravização e a boneca *Abayomi* brasileira idealizada Waldilena Serra Martins.

Desse percurso surge a seguinte pergunta que norteia o trabalho: como Abayomi é apresentada em artigos científicos e nos vídeos do YouTube? Partindo dessa indagação este artigo tem por objetivo apresentar um breve mapeamento sobre as produções bibliográficas e registros visuais do Youtube sobre Abayomi.

METODOLOGIA

Metodologicamente, trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, tipo exploratório. Por ser um assunto pouco abordado no meio acadêmico, foi necessário buscar a produção sobre *Abayomi* em várias vertentes. Desse modo,

⁴ Com a Instrução Nº 02/2020/PROEX/UFPB tornou obrigatório a publicação em redes sociais sobre as ações dos projetos enquanto durar o isolamento social. Diante disso, foi criado o instagram @afrobrincar.

⁵Aspeado por ser Abayomi uma representação de resistência que transcende o brincar.

para a coleta dos dados utilizou-se os bancos de dissertações e teses da *Capés*, Repositório Eletrônico Institucional (REI) da UFPB e vídeos no Youtube, com a palavra chave “Abayomi”. Tal investigação ocorreu pelas estudantes da extensão durante a vigência do Probex 2020, sobre brincadeiras africanas e afro-brasileiras.

Conforme Bauer e Gaskell (2008, p. 148 e 149) é importante distinguir entre dados visuais produzidos pelos pesquisadores, das informações visuais já existentes, além daquelas em que as pesquisadoras não necessitam de auxílio de terceiros/entrevistados para sua análise. Tal informação é importante, à medida que consultamos dados visuais das plataformas digitais como o Youtube (que identificamos como dados visuais já existentes) e de informações visuais produzidas pelas pesquisadoras e publicado no Instagram @afro-brincar.

Entre os vídeos identificados no YouTube, elencamos como critérios de seleção para este artigo, apenas os que apresentam a narração da história de Abayomi conforme os significados apresentados anteriormente, uma vez que permite verificar as múltiplas facetas da Abayomi e identificar por meio dos comentários a receptividade com o público. Assim, escolhemos duas contações de história para verificar as versões produzidas: a primeira, “Quintal da Cultura” e a segunda a história no canal “Elbia Lira”, e soma-se ainda ao audiovisual a entrevista - História da Boneca Abayomi - Noeli Souza.

Portanto, dividiremos a discussão dos resultados a partir dos seguintes tópicos: “Abayomi: Uma revisão da literatura” que apresenta alguns dos artigos identificados no *online* e “Abayomi no Youtube: versões perspectivas da história” que aponta para que caminhos é disseminada a história da Abayomi nos vídeos.

ABAYOMI: UMA REVISÃO DA LITERATURA

No Brasil a palavra *Abayomi* - com letra inicial maiúscula e sem acento gráfico na letra [i] - designa em Martins (2019) uma boneca de retalho de pano feita sem cola e sem costura. Em pesquisas destacaram-se imagens e conteúdos com representações *abayomi*, palavra da língua africana. (do Yorubá, *abay* = encontro e *omi*= precioso) que ora encontramos em sua forma homófona heterográfica em *abaiomi* (com propriedade polissêmica) e ora em sua forma heterofônica em *Abayomí*.

Trançar a literatura acadêmica a respeito de abayomi não é algo simples, pois embora como boneca negra de pano ela seja conhecida por várias pessoas, seu significado se ramifica entre histórias para crianças transmitidas oralmente, que não sabemos sua origem, e a produção de uma boneca, elaborada pela brasileira, militante do Movimento de Mulheres Negras e artesã Waldilena Serra Martins conhecida como Lena Martins.

Lena Martins, idealizadora da *Abayomi*, junto com outras mulheres, fundou no Rio de Janeiro a Cooperativa Abayomi, em dezembro de 1988 (NASCIMENTO, 2019; ESCOBAR; GOTTER, 2010). A boneca Abayomi é feita de tecidos pretos sem olhos, como também sem boca e nariz para favorecer o reconhecimento das várias etnias. Por sua vez, a escolha do nome foi indicado por uma de suas companheiras de trabalho durante a sua gestação, para a sua criança, caso nascesse uma menina.

Para além dessa perspectiva brasileira, identificamos a partir do levantamento bibliográfico a amplitude do estudo relativos às imagens e conteúdos sobre *Abayomi* e elencar inicialmente três artigos: Silva (2009); Gomes, Bizarria, Collet e Sales (2017) e Nascimento (2019) para nossa breve reflexão. Porém, é importante destacar a escassez de produção acadêmica sobre a Abayomi na educação.

O artigo “Experiência abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos” de Silva (2009) apresenta a história da cooperativa Abayomi-RJ trazendo relatos e a construção da boneca de pano e sem nó unido ao movimento de mulheres negras.

O artigo “A Boneca Abayomi: Entre retalhos, saberes e memórias” Gomes, Bizarria, Collet e Sales (2017) aborda o processo de criação e transmissão do saber e fazer das bonecas Abayomi, como uma perspectiva artística articulada ao movimento de mulheres negras, no Rio de Janeiro. A boneca, produzida pela militante e artesã Lena Martins, toma forma por volta de 1987, no Centro Integrado de Educação Pública — CIEP. Desse modo, foram realizadas oficinas com a comunidade escolar e em entornos de sua localização.

O grupo de mulheres atuando na construção da boneca foi ampliado e essas se organizaram como Artesãs Livres Associadas com o nome fantasia *Coop Abayomi*. Junto a ação o grupo, alcançou a identidade negra com a transmissão de memórias, bem como a inserção em espaços nacionais e internacionais com oficinas, exposições e cursos.

O terceiro artigo, intitulado “Quem conta a história é quem dá o tom ou narrativas sobre as bonecas Abayomi: ancestralidade e resistência das mulheres negras ou romantização da escravidão?” traz a importância da memória, ancestralidade, religiosidade, resistência negra e luta contra o racismo articulado às bonecas (NASCIMENTO, 2019).

A autora destaca que as bonecas de panos enquanto brinquedo para as crianças estavam presentes em várias sociedades, mas que a cor da pele negra não era reproduzida no objeto. Com relação a boneca Abayomi essa faz referência a Lena Martins como brasileira criadora, e crítica a romantização das histórias contadas com finalidade afetiva. Em suas palavras:

Se quem conta a história é quem dá o tom, vamos descolonizar nossa prática e discurso sobre as Abayomi e sobre as culturas africana e afro-brasileira, desvincular nossas histórias do paradigma da escravidão para o da afrocentricidade, recolocar nosso lugar de agentes e sujeitas/os de histórias, nossa herança cultural não é da escravidão, mas da África (NASCIMENTO, 2019, p.10).

Diante disso, vale destacar que “É preciso estar atentas/os para não cairmos nas armadilhas do enfoque cultural, das manifestações artísticas, destituídas da complexidade filosófica do ser/fazer africano, do ser afro-brasileiro” (NASCIMENTO, 2019, p. 2).

ABAYOMI NO YOUTUBE: VERSÕES PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA

O vídeo sobre Abayomi intitulado como “Um encontro precioso!” foi produzido pelo Quintal da Cultura, um programa de televisão infantil transmitido pela TV Cultura, que reúne os personagens fictícios: Ludovico (José Eduardo Rennó), Doroteia (Helena Ritto), Ofélia (Mafalda Pequenino) e Osório (Jonathan Faria), no cenário de um quintal. Como podemos ver abaixo.

Imagem I: Cenário do programa quintal da cultura



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=L0tmFVdW9Y4>. Acesso 16.02.2021

Disponibilizado no Youtube em 20 de novembro de 2018, o episódio conta a história da boneca Abayomi, de uma forma lúdica. Partindo da ideia que a reunião entre os amigos, tratava de um encontro precioso, tem início uma contação da história que se passa no continente africano, especialmente no Congo. Em síntese, o reino é invadido, o rei morto e muitas pessoas são amarradas numa árvore de Baobá, entre elas a princesa Abayomi que consegue se soltar e salvar seu povo. A mesma teve a ideia de amarrar na árvore bonecos com a forma humana feito com o tecido das roupas dos presentes, e quando os invasores voltaram a árvore e observaram a cena fugiram com medo.

Nomeada nova rainha, a história de Abayomi se expandiu por vários reinos e foi trazida ao Brasil por meio dos navios negreiros para acalmar e proteger as crianças presentes. Tal episódio, ao concretizar a contação ensina aos telespectadores a produzir a boneca.

Com 63.375 visualizações e 15 minutos de audiovisual, a série teve 1,4 likes e 67 não curtidas. Todavia os comentários são bastantes positivos quando acessado entre junho e agosto de 2020 durante a pesquisa do projeto, como por exemplo:

Oféliia: o sorriso negro mais lindo que ja vi (TDog)
Eu amei essa boneca eu fiz um ficou muito linda (Elaine Humberto)
Ofélia eu fiz uma abayony com a minha vovó e eu ameiiiiiiiiiiiiii
(Daiana)
Ofélia seu cabelo e sua pele são maravilhosas (Eva)

Desse modo, podemos ver que todos os personagens estão caracterizados com vestimentas que lembram os palhaços, porém de acordo com os depoimentos acima a personagem negra, Ofélia recebe muitos elogios do público. Tal discurso, mostra-se muito importante pois mostra a identificação de pessoas com a personagem que não apresenta um padrão eurocêntrico, mas pelo contrário contagia a todos telespectadores com sua forma alegre de ser e com sua identidade amostra, ou seja, os cabelos crespos e livres.

O segundo vídeo, aqui destacado, foi publicado no canal de Elbia Lírian, narra a história com cenas da história com 370.214 visualizações, 64 mil likes e 450 não gostei, apresenta em seus comentários várias parabenizações. Diferente do anterior, a narração é feita por imagens e aborda a história de um ponto de vista romântico.

Imagem II: Capa da contação



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>. Acesso 16.02.2021

Essa contação parte da história de Zalia, uma menina que mora numa aldeia na África. Ela gostava muito de brincar com os amigos e admirava a natureza, mas um dia homens diferentes chegaram lá e levaram adultos e crianças para um navio. Nesse espaço a alegria das crianças se dissolvia, com isso Areta, a mãe de Zalia, vendo a tristeza nos olhos da menina, rasgou parte de sua roupa, fez uma linda boneca que recebeu o nome de *Abayomi* que significa “aquele que traz felicidade”. Quando Zalia encontrou a boneca ela ficou muito feliz.

Essas duas histórias serviram de inspiração para a contação de história no Instagram @afrobrincar do Projeto de Extensão mencionado, usando janelas virtuais as integrantes do grupo Thais, Zoeli e Conceição contaram a história da princesa Abayomi. Já na versão brasileira de Abayomi, criada por Lena Martins, contamos com a contribuição na página de uma criança, com autorização dos responsáveis, afrobrincante Gabriel Naum, de 7 anos.

O terceiro vídeo selecionado trata-se da fala da ativista do movimento Negro a Neli Souza, com 63.418 visualizações e 2,3 mil *likes*, quando acessado no período entre junho e agosto de 2020. De acordo com a mesma, as bonecas eram feitas nos navios negreiros, num formato pequeno e entregue à criança pela mãe ao chegar ao Brasil, sendo a lembrança que ela ficaria ao ser afastada dela. O significado de Abayomi nesta fala é “Estou dando o melhor de mim para você” ou “feito de mim para você”. Após o relato, ela ensina a produzir a boneca de pano.

Sobre a produção de vídeos de Abayomi, Nascimento (2009) aponta que no Youtube encontramos vídeos que negam o protagonismo da Lena Martins assim como reforça a romantização da escravidão. Desse modo, as primeiras versões aqui apresentadas são as mais divulgadas.

Portanto, vemos que muitas são as perspectivas da história de Abayomi, e chegamos a conclusão que há ensinamento da história lendária da qual não sabemos quem começou a contar, e a versão da Lena Martins. Hoje, o nome Abayomi refere-se a marcas, histórias, músicas, vídeos, livros, nomes de coletivos de mulheres negra, organizações sem fins lucrativos, canais no Instagram, nome próprio e sobrenome etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leituras sobre abayomi identificou-se que o termo é referente a contação da história, resistência e a produção da boneca no Brasil. Ambas as perspectivas envolvem a questão da memória e ancestralidade do povo africanos e afro-brasileiros. Ao que concerne a

literatura acadêmica, constata-se que pouco se tem produzido sobre Abayomi. Com relação aos vídeos do Youtube, os que têm mais visualizações são a história da princesa ou o acalento da abayomi no navio negreiro, versões essas que são perpassadas pelas memórias populares, e da qual não conseguimos identificar ainda a sua origem.

Alguns questionamentos ecoam sobre Abayomi, sua representação simbólica é trançada na oralidade, Abayomi é livro, seus nós ecoam outras e tantas mulheres e crianças pretas que se reinventam, redescobrem ou ativam suas memórias de pertencimento a um lugar social. Também é retorno ao passado para aprender com o mesmo e que multiplica-se em representações ao ser contada em suas várias versões, fazendo lembrar em seu corpo a encruzilhada, não como lugar de perigo, mas sim, como lugar de possibilidades de circulação de conhecimento.

O que faz Abayomi reverberar possibilidades de educação antirracista em sala de aula e em outros âmbitos da educação? A importância de Abayomi, já conhecida para a Educação para as Relações Etnico-Raciais com a Lei 10.639/2003 não esgotam-se nela mesma, mas é a contribuição de seu trançar como metodologia em pretatividades a afrobrincadeiras com crianças?

Portanto, Abayomi é energia presente antes mesmo de seu trançar, nas histórias de vidas que são firmadas em nós, em seu significado iorubano que denota um encontro precioso com nós mesmos e com o outro. Desse modo, percebe-se no artigo a amplitude de Abayomi como a construção da sociabilidade que envolve o ato de brincar que se entrelaçam a representatividade das bonecas negras e a auto imagem das pessoas, assim como o ato de resistência.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Luciana Grether de Mello. **Abayomi O design nas amarrações dos fios femininos na bandeira de uma cooperativa**. Rio de Janeiro: 2006. (Dissertação Artes & Design). Disponível em:
<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8967@1>>. Acesso 16.08.2020.

GOMES, Edlaine de Campos. BIZARRIA, Júlio. COLLET, Célia. SALES, Marcos Vinícius. A Boneca Abayomi: Entre retalhos, saberes e memórias. In: **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/75745/43150>> Acesso 16.08.2020.

NASCIMENTO, Maria Cristina do. Quem conta a história é quem dá o tom ou narrativas sobre as bonecas Abayomi: ancestralidade e resistência das mulheres negras ou romantização da escravidão? In: **II COPENE Nordeste: Epistemologias negras e lutas antirracistas**.

João Pessoa, 2019. Disponível em:

<https://www.copenenordeste2019.abpn.org.br/resources/anais/13/copenenordeste2019/1562350998_ARQUIVO_d2aa52dad7dd11f8f488bceb1a58977e.pdf> Acesso 16.08.2020.

SILVA, Sonia Maria da. Experiência abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos. In: **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Bahia: 2009. Disponível em:< <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19576.pdf>> Acesso 16.08.2020

Vídeos consultados:

YOUTUBE. Quintal da cultura. Contação de história. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=L0tmFVdW9Y4>>. Acesso em 20/07/2020

YOUTUBE Abayomi - Parte 1- Contação de História. Canal Elbia Lira

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=840YHprHHI8>>. Acesso em 20/07/2020

YOUTUBE. História da boneca Abayomi - Noeli Souza. Publicada no Canal Vitória STUY.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CGGG92EfGJI>>. Acesso em 20/07/2020

YOUTUBE. Abayomi-Boneca Preta Brasileira – Lena Martins. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=34Ek5GV11wQ>> Acesso em:20/07/2020

TERREIROS do brincar, David Reeks e Renata Meirelles (2017). Disponível em:<[Terreiros do Brincar | VIDEOCAMP](#)>. Acesso 11.02.2021.